



África Ativa¹

Andrielle Cristina Moura MENDES²
Ana Carmem do Nascimento SILVA³

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN

APRESENTAÇÃO

África Ativa foi idealizado e produzido pelos estudantes Andrielle Cristina Moura Mendes, Ana Carmem de Nascimento Silva, Artur Dantas Borja Gomes⁴, Ígor Pietro Barros Dantas⁵ e Rodrigo de Macêdo Freire⁶ nos meses de maio e junho de 2007. Uma produção áudio-visual com caráter avaliativo para a disciplina de Sociologia da Comunicação, ministrada pela docente Josimey Costa da Silva⁷ no segundo período do curso de Comunicação Social-Jornalismo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

África Ativa retrata o cotidiano de uma comunidade carente situada na Redinha, zona norte de Natal/RN, conhecida como Comunidade da África. A comunidade ganha voz e representação através da expressão cultural do Hip Hop, com o grupo de rap Facção Real.

A escolha do tema ocorreu ao percebermos os conflitos travados entre essa comunidade e os meios de comunicação locais, além da forma como estes exercem sua influência sobre a população. Outro fator determinante da escolha foi a relação dos moradores com a cultura Hip Hop, utilizando-a como um instrumento de denúncia social.

O grupo de rap, composto por Paulo Victor, Pitágoras e Pierre, através de suas letras fortes e contestadoras, discute questões importantes que envolvem as políticas

¹ Trabalho submetido ao XIX Expocom, na categoria Emergentes, modalidade produto Científico, como representante da Região Nordeste.

² Aluna líder do grupo e estudante do 4º semestre do Curso de Jornalismo da UFRN, e-mail: andriellecristina@yahoo.com.br

³ Co-autora do áudio-visual África Ativa, estudante do 4º semestre do Curso de Jornalismo da UFRN. E-mail: anacarmemjornalismo@hotmail.com.

⁴ Co-autor do áudio-visual África Ativa, estudante do 4º semestre do Curso de Jornalismo da UFRN. E-mail: artdantas@gmail.com.

⁵ Co-autor do áudio-visual África Ativa, estudante do 4º semestre do Curso de Jornalismo da UFRN. E-mail: igor_pietro@yahoo.com.br

⁶ Co-autor do áudio-visual África Ativa, estudante do 4º semestre do Curso de Jornalismo da UFRN. E-mail: rodrigonatalrn@yahoo.com.br.

⁷ Professora Orientadora do trabalho. Membro do Grupo de Estudos da Complexidade (GRECOM) e pesquisadora da Base de Pesquisa Gemini (Grupo de Estudos de Mídia - Análises e Pesquisas de Processos e Produtos Midiáticos). E-mail: josimey@digizap.com.br.



públicas, a representação midiática e a imagem da comunidade que é difundida. Dentro do contexto aqui apresentado, os integrantes do Hip Hop afirmam que alguns meios de comunicação representam de forma preconceituosa o movimento, bem como as comunidades carentes, mais especificamente a favela da África.

Facção Real faz parte do movimento Hip Hop de Natal. O Hip Hop é constituído por quatro elementos: o DJ, o Break, o MC (agora chamado de rapper) e o Graffiti (arte dos muros, ruas e prédios). Os grupos de rappers, grafiteiros, djs e b. boys se reúnem em diversos eventos na cidade com intuito de difundir o movimento, debater assuntos relevantes para a sociedade e conscientizar os jovens.

Carcará (uma das “vozes” presentes no vídeo) é integrante da Organização Comunitária Alternativa do Hip Hop (Oca) e ensina break e poesia para crianças e jovens de comunidades carentes. Ele fala em nome da comunidade e explica que a mídia não mostra que o Hip Hop também educa e que o movimento envolve: prevenção, conscientização, opinião e política.

Foram realizadas observações e entrevistas com moradores da comunidade, comprovando-se então os diversos problemas enfrentados, evidenciados de forma descontextualizada pela mídia. A Comunidade da África é um recorte do grande segmento carente e marginalizado que é ignorado, principalmente pelos poderes públicos. “O Hip Hop fala em nome do povo”, a frase dita por Carcará e por inúmeros integrantes do movimento é a idéia central do África Ativa.

O vídeo mostra que a representação midiática não é o espelho, e sim a transcrição da realidade. Alguns autores, editores de jornais e jornalistas argumentam que o jornalismo é o retrato do real. Mas os fatos são apenas construções da realidade. “O jornalismo é um modelo da experiência, uma leitura *sobre* e não *do* mundo, uma construção da realidade”, segundo Pereira Júnior. (2006, p. 15, grifo do autor).

[...] Para as teorizações instrumentalistas sobre a imprensa, a notícia seria, por óbvio, retrato da realidade. Mas não vemos “a” realidade quando lemos um texto, navegamos pela internet, vemos TV, ouvimos rádio. Com a matéria jornalística, ficamos diante de uma certa forma de contar os fatos. (PEREIRA JUNIOR, 2006, p.19).

Em entrevistas prévias, moradores da comunidade da África revelaram que os meios de comunicação locais representam unilateralmente a comunidade, retratando apenas a violência, a pobreza e a criminalidade. Os profissionais dos veículos de



comunicação percebem a realidade através de uma perspectiva jornalística, visto que há um certo jeito de olhar a realidade próprio do campo jornalístico.

Os veículos de comunicação locais selecionam os acontecimentos mais relevantes que ocorrem na comunidade da África, enquadram estes acontecimentos e muitas vezes veiculam estes fatos fora do contexto social.

OBJETIVOS

África Ativa tem como objetivo falar em nome dos moradores, revelando momentos vivenciados pela comunidade que não são retratados pela mídia, como também em nome dos que aderem à cultura Hip Hop.

Por meio desta produção audiovisual se pretende apresentar o cotidiano da favela da África e sua relação com valores culturais próprios do local. Discute-se a relação mídia e sociedade dentro da seguinte conjuntura: a cultura Hip Hop e a sua reivindicação à posição unilateral dos meios de comunicação e os efeitos da mídia sobre o cotidiano da comunidade. Desta forma, fica clara a abordagem sobre o tema “Mídia e Sociedade”.

O vídeo pretende desconstruir a imagem preconceituosa a respeito das comunidades carentes, (re)construindo a seguinte visão: a Comunidade da África não pode ser caracterizada apenas pelos problemas evidenciados pela mídia, que veicula um conceito pré-definido dentro do meio social – especificamente do natalense.

JUSTIFICATIVA

Consideramos de grande importância a temática aqui abordada, visto que, através dela somos capazes de compreender a maneira como a mídia representa as comunidades carentes.

A favela da África é caracterizada pelo movimento Hip Hop, uma ferramenta de denúncia social utilizada pelos moradores da comunidade. Porém, é relevante colocar que, esse papel (denúncia) deve caber também à mídia. Esta evita, na maioria das vezes, expor determinados assuntos, como por exemplo, o descaso que a população carente sofre pelo poder público, e prefere enfatizar as conseqüências deste descaso: a marginalidade.

Para tratar destas questões, o África Ativa é fundamentado pelas teses defendidas por alguns nomes da sociologia, em que se destacam: Roger Silverstone e



Josimey Silva. O jornalista Pereira Júnior também oferece importante contribuição ao dizer que o jornalismo não é espelho da realidade. Estes, entre outros estudiosos nos oferecem aparato teórico que associado ao material obtido em visitas à Comunidade da África, entrevistas e recursos audiovisuais, nos permitem conhecer a fundo os fenômenos sociais.

Silva argumenta que os meios de comunicação social (MCS) são os verdadeiros produtores do discurso. Eles detêm a ‘verdade’. Esta idéia norteia o *África Ativa* e nos permite compreender que os MCS exercem o papel de controle social, justamente por não permitir que uma parcela significativa da sociedade interfira ou questione o conteúdo veiculado e não perceba as mensagens implícitas nas palavras e imagens.

Logo, tomamos por base este corpo teórico e traçamos as estratégias que poderiam ser utilizadas na abordagem empírica do objeto. Estes autores permitem compreender que a mídia representa as comunidades carentes de forma parcial, colocando a criminalidade como fator indissociável e característico destas. Alguns meios de comunicação apontam problemas que não são causa, e sim, consequência de uma política pública desigual e que não atende as necessidades de pessoas de classes sociais economicamente desfavorecidas. O produto científico não tenta mostrar que a violência não existe. Ela existe sim, porém não é retrato das comunidades carentes.

Ainda com o auxílio de Silverstone, compreendemos que “A mídia filtra e molda realidades cotidianas, por meio de suas representações singulares e múltiplas, fornecendo critérios, referências para a condução da vida diária.”

Contudo, apesar dessa realidade, as comunidades carentes não são passivas. Um exemplo disso é a comunidade da África que, com o intuito de modificar a visão que engloba questões como pobreza e preconceito, utilizam o rap para protestar contra o sistema, exigindo assim, uma política que trabalhe o lado social.

Essas ações são desenvolvidas pelo grupo de rap na comunidade e envolvem, entre outras atividades: oficinas de break (dança característica da cultura hip hop), graffiti (desenhos ou mensagens produzidas utilizando o spray) além de grupos de discussão que reforçam a cultura.

O grupo *Facção Real* percebeu que a mídia representa a favela de forma preconceituosa e compreendeu que os MCS, de fato, não representam o cotidiano dos moradores. Porém, ainda é muito difícil não depender de ferramentas midiática para divulgar sua produção. Como nos esclarece Roger Silverstone “a mídia é, se nada mais,



cotidiana, uma presença constante em nossa vida diária, enquanto ligamos e desligamos, indo de um espaço, de uma conexão midiática para outra”.

Silverstone aprofunda-se ainda na questão do uso dos produtos midiáticos. Segundo ele, somos dependentes da mídia, sendo impossível escapar à sua presença. Apesar dos veículos de comunicação caracterizarem a comunidade da África como um local violento, todas as casas possuem televisão e rádio, na maioria das vezes próximo a porta da sala. Possuir um equipamento de tevê significa para muitos estar bem informado, mesmo que as informações veiculadas não representem o cotidiano destas comunidades, ou represente seus modos de vida descontextualizados.

À questão do Hip Hop dá-se outro problema: o seu caráter denunciador. Ao protestar contra a indiferença a que são dispostos, os rappers acabam exercendo o papel que caberia aos veículos de comunicação, com a diferença de mostrar os problemas em aspecto geral e não singular.

Para se entender a cultura Hip Hop é preciso, antes de tudo, analisá-la dentro do seu universo. José Luiz dos Santos mostra que:

Cada realidade cultural tem sua lógica interna, a qual devemos procurar conhecer para que façam sentido às suas práticas, costumes, concepções e as transformações pelas quais estas passam. É preciso relacionar a variedade de procedimentos culturais com os contextos em que são produzidos. (SANTOS, p.9, 2003)

Durante todo o processo de coleta e análise das informações dentro da pesquisa de campo, de natureza qualitativa, constatamos através do registro da imagem fotográfica a evidência do poder da mídia bastante presente dentro da comunidade.

De acordo com José Luiz dos Santos “saber se há uma realidade cultural comum à nossa sociedade torna-se uma questão importante”. Portanto, é necessário relacionar as manifestações e dimensões culturais com as diferentes classes e grupos que a constituem.

Embora o Hip Hop, originalmente, não possa ser consumido pela massa, por ser um estilo de vida “marginal”, não é o que se observa na sociedade. A verdade é que o estilo Hip Hop se difundiu e acabou por ser disseminado na população das camadas A e B, e que consome dos mais diversos produtos, mas não o estilo de vida Hip Hop discutido neste estudo, uma vez que algumas pessoas estão bem longe da realidade vivida pelos membros do Hip Hop da periferia.



MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

O Hip Hop é composto da dança do Break, da instrumentação do DJ, do canto do Rap e da pintura do Graffiti. Estes quatro elementos foram aos poucos se tornando familiares durante a pesquisa de campo, que se dividiu entre: a Escola Estadual Dulce Wanderley, localizada na Redinha; Comunidade da África e o Conjunto Gramoré, zona norte da cidade.

Durante os dias 13 e 20 de maio de 2007 a equipe esteve presente na Escola Estadual e na Comunidade da África. Na primeira visita, ocorreram oficinas de rima, Break e Graffiti na escola, que foram fotografadas. Na segunda visita, ocorreu o ensaio do Facção Real, coordenado por Enoque Vieira, líder de movimentos sociais na comunidade. No dia 20 de maio, os pesquisadores percorreram a comunidade acompanhados pelos integrantes do grupo Hip Hop e por moradores da Comunidade da África.

No dia 30 de maio, a pesquisa de campo foi executada no Conjunto Gramoré, mais precisamente na praça de lazer; onde a pista de skate (half pipe) estava sendo “grafitada”, e desta vez o entrevistado foi Carcará (Miguel Neri), um dos líderes do movimento Hip Hop em Natal. Carcará grafitava o half pipe e orientava os grafiteiros menos experientes.

É importante dizer que entrevistas não-diretivas e conversas informais aconteceram não só entre a produção, o grupo Facção Real, Carcará e Enoque, mas também com outros integrantes do movimento Hip Hop presentes nos locais, bem como moradores das comunidades. Devido aos poucos recursos tecnológicos, as gravações de áudio não adquiriram boa qualidade, pois foram feitas em aparelho MP3.

No que diz respeito às fotografias, em todas as saídas a campo foram feitos registros, porém, também não existia um melhor conhecimento da linguagem fotográfica, a qual envolvia: composição, enquadramentos, contraste, exposição, foco. As máquinas utilizadas eram câmaras digitais de modelo compactas, foram elas: Nikon E885, Sony DSC-S600, Canon-Power Shot A400 e Olympos FE170, X760. Uma integrante da equipe, também estudante de fotografia, orientou os outros pesquisadores-fotógrafos. Três integrantes utilizaram seu próprio equipamento, uma integrante utilizou equipamento fotográfico cedido pela Base de Pesquisa Comédia, enquanto um outro integrante não fotografava, visto que não possuía equipamento.



A edição caracterizou-se como um processo surpreendente, não havia plano. O objeto de estudo tomou conta dos pesquisadores e o África Ativa aos poucos foi surgindo no computador. Utilizamos os programas: Windows, o Movie Maker e a trilha sonora com a música “Sou o que sou e não o que pensam” da Facção Real, do CD que gentilmente foi cedido pelo próprio grupo.

O áudio-visual apresenta grande relevância social, visto que os moradores da comunidade passaram a se reconhecer como protagonistas sociais. Creditamos importância a este trabalho esperando que sirva de fundamento para contribuir com a representação mais justa da Comunidade da África.

As estratégias metodológicas utilizadas foram: registro fotográfico, entrevistas, observações, história oral e observação participativa. Os produtores participaram das oficinas de Break, Graffiti e Rap, e por meio desta estratégia conseguiram identificar o maior problema enfrentado pelo grupo Facção Real, o fato de não conseguir o espaço na mídia, pois, são “filtrados” pelas ferramentas midiáticas, e os eventos que organizam são contestados, no geral, tanto pela polícia como por algumas pessoas que não aceitam a manifestação como forma de protesto.



REFERÊNCIAS

IANNI, Octávio. **Teorias da Globalização**. 2ª ed., Rio de Janeiro, Vozes, 1996.

PEREIRA JUNIOR, Luis Costa. **A apuração da notícia: Métodos de investigação na imprensa**. Petrópolis RJ: Vozes, 2006.

SANTOS, José Luís dos. **O que é cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1989. VAZ, Gil Nuno. **Marketing institucional**. São Paulo: Pioneira, 1993.

SILVA, Josimey Costa da. **O Rádio e a televisão na sociedade contemporânea**. In: *Revista Vivência*. Vol 1/95, p.77-80, CCHLA/UFRN. Natal/RN, 1995.

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** São Paulo, Loyola, 2002.